

RESENHA: MODERNIDADE E IDENTIDADE¹

Rafaela Cyrino Peralva Dias

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Autores dos mais diversos campos de conhecimento científico vêm enfrentando o desafio de compreender o extremo dinamismo que caracteriza a sociedade contemporânea. No campo da sociologia, Anthony Giddens destaca-se como um teórico que, ao refletir sobre o sentido da sociedade em que vivemos, penetra no terreno da auto-identidade, procurando analisar de que forma a contemporaneidade se relaciona com os aspectos mais íntimos da vida pessoal. Em seu livro, *Modernidade e identidade*, o autor analisa justamente a transformação na concepção de identidade a partir do rompimento com uma ordem dita tradicional.

Giddens não segue a orientação de alguns autores que nomeiam a sociedade contemporânea como pós-moderna ou pós-industrial. Em vez disso, prefere a terminologia modernidade alta ou tardia, para indicar que os princípios dinâmicos da modernidade ainda se encontram presentes na realidade atual. Alta modernidade, modernidade tardia ou modernização reflexiva, portanto, é definido pelo autor, como uma ordem pós-tradicional, que, longe de romper com os parâmetros da modernidade propriamente dita, radicaliza ou acentua as suas características fundamentais.

A discussão tem início com o reconhecimento de que, em uma sociedade tradicional, a identidade social dos indivíduos é limitada pela própria tradição, pelo parentesco, pela localidade. A modernidade, caracterizada como uma ordem pós-tradicional, ao romper com as práticas e preceitos preestabelecidos, enfatiza o cultivo das potencialidades individuais, oferecendo ao indivíduo uma identidade “móvel”, mutável. É, nesse sentido, que, na modernidade, o “eu” torna-se, cada vez mais, um projeto reflexivo, pois aonde não existe mais a referência da tradição, descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. O indivíduo passa a ser responsável por si mesmo e o planejamento estratégico da vida assume especial importância.

É interessante como o autor consegue dar visibilidade a fenômenos de grande complexidade. Não que esteja sendo dito algo absolutamente novo. Touraine (1994) em *Crítica da Modernidade* já havia abordado teoricamente o processo de subjetivação, ao considerar que o mundo moderno é, cada vez mais, ocupado pela referência a um sujeito libertado, que coloca como princípio do bem o controle que exerce sobre suas ações e comportamentos, na composição da sua história pessoal de vida. Entretanto, mesmo que o tema da reflexividade do sujeito já tenha sido abordado de alguma forma por outros autores, o grande mérito de Giddens, a meu ver, foi abordar esta questão a partir de temas relacionados à psicologia do eu, como a identidade, a busca da auto-

realização, o estilo de vida, entre outros. Ao optar por esta trajetória, o autor aproxima-se do leitor, tornando mais familiar questões teóricas de grande alcance, através da análise da relação entre a modernidade e os aspectos mais pessoais de nossa existência.

Apesar da complexidade do tema, Giddens procura abordar as várias facetas de um processo inerentemente contraditório. De fato, o rompimento, ainda que parcial, com uma ordem tradicional, ao mesmo tempo em que promove uma certa autonomia pessoal, retira também uma sensação de firmeza das coisas, podendo constituir-se em grande fonte de ansiedade para o indivíduo. Uma simples leitura de um jornal de domingo é suficiente para observarmos a ocorrência de inúmeros desacordos entre especialistas das mais diversas áreas. Podemos dizer que vivemos hoje em um contexto instável e complexo de argumentos e contra-argumentos científicos. Na ausência de uma autoridade definitiva, ao indivíduo é que cabe escolher e decidir em que acreditar. Várias são as correntes, vários são os discursos, várias são as teorias, cada um realiza a sua síntese pessoal e desenvolve o seu projeto reflexivo individual.

Este projeto reflexivo diz respeito, portanto, a um mundo cada vez mais constituído de informação, e não de modos preestabelecidos de conduta, em que o indivíduo sente-se obrigado a viver realizando escolhas contínuas que passam a compor a sua narrativa de identidade, sempre aberta à revisões. A reflexividade da modernidade, considerada pelo autor uma das maiores influências sobre o dinamismo das instituições modernas, permite vislumbrar de que forma a modernidade, fenômeno global de longo alcance, altera a natureza da vida social cotidiana. Nas condições da alta modernidade, sensações de inquietude e ansiedade podem se infiltrar na experiência cotidiana dos indivíduos, pois a narrativa da auto-identidade torna-se inerentemente frágil diante das intensas e extensas mudanças que a modernização provoca. Entretanto, ainda que a modernidade seja inerentemente suscetível à crise, favorece, por outro lado, a apropriação de novas possibilidades de ação ao indivíduo, oferecendo oportunidades de revisão de hábitos e costumes tipicamente tradicionais. É justamente o caráter ambíguo presente na realidade contemporânea que justifica a recusa de Giddens em acolher definições propostas por autores como Lasch (1980) acerca da natureza supostamente apocalíptica da vida social moderna.

Para quem se interessa pela dinâmica da modernidade a leitura deste livro é fundamental. Sem fazer apologia nem da modernidade e nem das sociedades tipicamente tradicionais, o autor aborda várias facetas da sociedade contemporânea. Se hoje existe o cultivo das potencialidades individuais, percebe-se, também, um certo empobrecimento moral, uma certa crise de valores, uma certa crise de moralidade. E, por mais paradoxal que possa parecer, ao lado de um alto grau de reflexividade social,

¹ Giddens (2003).

surge, também, uma preocupação com a reconstrução da tradição como uma forma de enfrentar as demandas cambiantes das sociedades modernas. A reconstrução da tradição pode ser observada, por exemplo, na busca, cada vez mais intensa, de novas experiências religiosas, novas formas de espiritualidade.

É inegável que tal objeto de discussão é extremamente relevante e vem adquirindo, cada vez mais, um caráter de centralidade na sociedade contemporânea. Entretanto, abordagens que privilegiem estudos interdisciplinares, ainda são pouco freqüentes na academia. E este é, a meu ver, o grande mérito do livro de Giddens: permitir a incorporação do elemento subjetivo na perspectiva sociológica, de maneira analítica, crítica e consistente.

Referências

- Giddens, A. (2003). *Modernidade e identidade* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lasch, C. (2000). *The Culture of Narcisism*. Londres: Abacus.
- Touraine, A. (1994). *Crítica da Modernidade* (E. F. Edel, Trad.). Petrópolis: Vozes.
-

*Rafaela Cyrino Peralva Dias é Docente vinculada a PUCMINAS, Mestre em Psicologia das Organizações pela Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço: Rua do Mosteiro, 37, 302, Vila Paris, 30380 780, Belo Horizonte, MG.
E-mail: rafaelacyrino@pucminas.br*

Rafaela Cyrino Peralva Dias
Resenha: Modernidade e identidade

Recebido: 09/09/2005
1ª revisão: 03/11/2005
Aceite final: 15/12/2005